

USOS LINGUÍSTICOS REGIONAIS NA PAISAGEM LINGUÍSTICA DE CÁCERES-MT: PROCESSOS IDENTITÁRIOS

REGIONAL LINGUISTIC USES IN THE LINGUISTIC LANDSCAPE OF CÁCERES-MT: IDENTITY PROCESS

Jocineide Macedo Karim¹
Elisandra Benedita Szubris²

Resumo: Este artigo analisa como os usos linguísticos regionais são apresentados na Paisagem Linguística e Digital de Cáceres-MT. Para a análise, utilizamos um *corpus* constituído por imagens das quais extraímos os seguintes traços: a realização da consoante africada [tʃ] em vez da fricativa [ʃ] e a realização da consoante africada [tʃ] em vez da fricativa [ʃ] grafada xô. Como metodologia, utilizamos o modelo de Labov (2008). Como resultado, constatamos que esses traços simbolizam uma escolha política, demarcando a identidade e demonstrando como fatores socioeconômicos e culturais criam as condições para a conservação de traços do falar dos habitantes nativos de Mato Grosso.

Palavras-chave: sociolinguística; paisagem linguística; paisagem Digital; usos linguísticos, identidade.

Abstract: This paper analyzes how regional linguistic uses are presented in the Linguistic and Digital Landscape of Cáceres-MT. For the analysis, we used a corpus made up of images, from which we extracted the following features: the realization of the affricated consonant [tʃ] instead of the fricative [ʃ] and the realization of the affricated consonant [tʃ] instead of the fricative [ʃ] spelled xô. As a methodology, we used the Labov model (2008). As a result, we found that these traits symbolize a political choice, demarcating identity and demonstrating how socioeconomic and cultural factors create the conditions for the conservation of traits in the speech of the native inhabitants of Mato Grosso.

Keywords: sociolinguistics; linguistic landscape; digital landscape; linguistic uses; identity.

Introdução

Ao transitar pelos espaços urbanos, somos tomados por diversos estímulos visuais, linguísticos e não linguísticos, que configuram os modos como a cidade se apresenta aos indivíduos. Nesses espaços, destacam-se as placas comerciais e demais sinalizações, que nos

¹ Doutora em Linguística pela UNICAMP. Professora do curso de Licenciatura em Letras da Unemat, no campus de Cáceres. Professora permanente e coordenadora do PPGL/UNEMAT. jocineide.karim1@unemat.br. <https://orcid.org/0000-0003-3373-4476>.

² Doutora em Linguística pelo PPGL-UNEMAT. Pós-doutoranda e professora colaboradora no PPGL/UNEMAT. Bolsista-Capes. elisandra.benedita@unemat.br. <https://orcid.org/0000-0001-6217-2367>

chamam a atenção pelos usos linguísticos, por vezes, redigidos na convergência entre línguas. Não raro, visualizamos, no centro das cidades, nomes de estabelecimentos que apresentam usos linguísticos na relação da língua portuguesa com a língua inglesa, como: *OdontoCompany*, *Baby Clínica*, *OdontoExcellence* etc.

Esse conjunto de escritas urbanas, que se realizam em locais bilíngues e multilíngues, mas também monolíngues³, constituem o que a Sociolinguística e outras áreas do conhecimento têm definido como Paisagem Linguística, sendo ela “a visibilidade e saliência de línguas em sinalizações públicas e comerciais num dado território ou região”. (Landry; Bouhis, 1997, *apud* Bagno, 2017, p. 337).

Nesse escopo, também destacamos a importância de considerar as paisagens digitais, como uma extensão da paisagem linguística, pois, em ambiente digital, também é possível apreender as manifestações da linguagem, por meio de anúncios, perfis em redes sociais e aplicativos de serviços, considerando os contextos sociolinguísticos e socioculturais interligados aos demais elementos que constituem a interação verbal nesse ambiente. Não obstante, os usos linguísticos, sinalizados nos espaços urbano e digital, podem revelar a sua relevância para a localidade, demarcando aspectos políticos das escolhas linguísticas e, ainda, dando visibilidade às identidades locais.

Considerando a visibilidade das identidades locais, temos observado na Paisagem Linguística e Digital da cidade de Cáceres-MT, um crescente movimento de usos linguísticos que conservam os traços mais antigos do falar local e regional do estado de Mato Grosso e que, na atualidade, vem aparecendo na modalidade escrita. A saber, a cidade de Cáceres tem sua formação cultural a partir do século XVIII, sob o domínio das coroas portuguesa e espanhola. Em 26 de junho de 2012, a cidade foi reconhecida como Patrimônio Cultural do Brasil, conforme a publicação no Diário Oficial da União. O tombamento foi apresentado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e aprovado pelo Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural.

³ Conforme Bagno (2017, p. 278): O termo *monolinguismo* pode ser aplicado a um indivíduo (chamado *monolíngue* em oposição a *bilíngue*) ou a uma **comunidade**, mas ampla, que pode ser mesmo todo um país. O *monolinguismo* é, antes de tudo, uma **ideologia**, muito mais do que uma realidade, uma situação factual. Conforme escreve Monteagudo (2012:44), “existe um modelo normativo, tacitamente aceito e profundamente interiorizado, segundo o qual o monolinguismo é o natural, o normal, o esperável, enquanto o **bilíngüismo** (ou o plurilingüismo) é o especial, o excepcional, o anômalo; a condição monolíngue não requer qualquer tipo de explicação; ao contrário, a condição bilíngue exige uma justificação e justifica uma pesquisa, inclusive um diagnóstico, ao menos em alguns casos”. [Grifos do autor].

A partir dessas observações, desenvolvemos as seguintes questões: como a variação linguística, especialmente, a realização da consoante africada [tʃ] em vez da fricativa [ʃ] e a realização da consoante africada [tʃ] em vez da fricativa [ʃ], grafada como xô, se inscrevem na paisagem linguística e digital da cidade de Cáceres-MT, compartilhando o espaço predominantemente ocupado pelo português padrão e línguas estrangeiras? O que os traços linguísticos regionais, veiculados em vias públicas, podem nos dizer sobre o contexto sociolinguístico da localidade?

Para responder às questões, organizamos o texto da seguinte maneira: no item 1, apresentamos a fundamentação teórica que sustenta esta pesquisa, destacando como a Sociolinguística, o estudo da Paisagem Linguística e a noção de Identidade, como representação cultural, contribuem para o conhecimento do funcionamento das línguas em espaços urbanos e digitais; no item 2., apresentamos a metodologia e o *corpus*, a partir do recorte estabelecido “Usos linguísticos Regionais na Paisagem Linguística e digital de Cáceres-MT”; no item 3, desenvolvemos as análises dos dados coletados e, por fim, apresentamos algumas considerações sobre as análises realizadas.

1 Sociolinguística, Paisagem Linguística/Digital e Identidade: teorias em intersecção

A Sociolinguística, proposta pelo norte-americano William Labov, nos anos de 1960, teve um papel decisivo no âmbito dos estudos linguísticos por deslocar-se da visão estruturalista, que restringia a análise linguística ao funcionamento das relações internas ao sistema linguístico, legado de Saussure sobre o estudo da *langue* em detrimento da fala; e da visão gerativista, a partir de Chomsky, que se preocupava em evidenciar o falante ideal e sua competência linguística. Essas visões deixavam à margem a fala, o sujeito, a história e as situações reais de uso da língua, assim como a variação, a mudança linguística e as reflexões sobre o vir a ser das línguas.

A partir da visão sociolinguística, a relação língua/fala, tida como dicotômica nos estudos estruturalistas, se dissolve, pois, o estudo da língua passa a ser concebido na relação com o falante no contexto social em que a língua ocorre. Desse modo, estudar a língua, em contexto social, supõe estudar a variação linguística, o falar de uma comunidade ou de um indivíduo específico.

Assim, consideramos que a variação de uma língua é a forma pela qual ela difere de outras formas da linguagem sistemática. Uma nação, por exemplo, apresenta diversos traços de identificação e a língua, ao participar da dinâmica social, pode variar de acordo com diversos

fatores, tais como o tempo, o espaço, o nível cultural e a situação em que um indivíduo se manifesta verbalmente, ou seja, os falantes podem adquirir as variedades linguísticas próprias da sua região, classe e grupo social etc.

A respeito do falar de uma comunidade, Dubois (1998, p. 266) diz que ele “possui regras sintáticas e vocabulários que lhe são específicos e muitos outros que são comuns a muitos falares da língua ou mesmo a todos”. De outro modo, Cunha (2013, p. 4) conceitua o falar como: “a peculiaridade expressiva própria de uma região e que não apresenta o grau de coerência alcançado pelo dialeto”.

Algumas dessas variantes peculiares estão presentes no falar cacerense, que são consideradas por estudiosos da língua, como resquícios do falar dos colonizadores da região, os portugueses do Norte de Portugal e os paulistas do interior de São Paulo.

Macedo-Karim (2012) registrou no falar da cidade de Cáceres, na comunidade São Lourenço, dentre os usos linguísticos, a realização da consoante africada [tʃ] em vez da fricativa [ʃ] como ocorrem nos exemplos que seguem:

Aqui é o único lugar da **dgente** sobrevivê... eu já andei fui... em São Paulo... Campo Grande e num **atchei** fundamento. ((Sinto)) Orgulho por causa... que eu nasci nessa terra e todo que aqui é uma cidade que é pacata... é hospitaleira. Todo mundo **tchega** em casa de quarqué um... todo mundo... porque eu sou cacerense eu tenho esse dom... **tchegô djá** ofereço morada... **tchegá** uma pessoa aqui em casa... **djá** ofereço só não tenho dinheiro. Vamos **tchegá**... não tenho onde durmi... Vamo arrumá um colchão... **djá** damo ((um jeito)) eu sou hospitaleiro porque eu gosto daqui... todo mundo... se eu posso **tchegá** na casa da senhora... eu duvido que a senhora vai me negá... **atcho** que é nosso dom é esse aqui... por causa da hospitalidade (Macedo-Karim, 2012, p. 82, grifo nosso).

Essas realizações das africadas são constatadas com frequência no falar da cidade de Cáceres, especialmente na comunidade São Lourenço, no entanto, o filólogo brasileiro, Amadeu Amaral⁴ foi o primeiro a registrar sobre as realizações africadas no dialeto caipira de São Paulo, em que: “Ch e j palatais são explosivos, como ainda se conservam entre o povo em certas regiões de Portugal, no inglês (chief, majesty) e no italiano (cielo, genere)”. (Amaral, 1982, p. 22).

Sobre as africadas o filólogo e linguista brasileiro, Serafim Pereira da Silva Neto (1960), fundador da Universidade Católica do Rio de Janeiro, catedrático de Filologia Românica na UFRJ e na Universidade de Lisboa, também registrou em sua obra, os pesquisadores que

⁴ Em 1920, Amadeu Amaral, produziu uma extraordinária erudição, em um período em que não havia, em São Paulo, os estudos acadêmicos. O Dialeto Caipira, publicado em 1920, escrito à luz da linguística, estuda o linguajar do caipira paulista da área do vale do rio Paraíba, analisando suas formas e o seu vocabulário.

documentaram o som tchê no falar caipira de São Paulo: Ribeiro (1881), Pereira (1919) e Amaral (1920).

Os pesquisadores citados por Silva Neto também interpretaram esse som como a conservação da antiga africada portuguesa: “os caipiras de São Paulo pronunciam djente, djogo. Os mesmos e, também, os minhotos e transmontanos dizem tchapeo, tchave” (Ribeiro, 1881, *apud* Silva Neto, 1960, p. 11).

Em sua descrição, Silva Neto faz a seguinte observação: Julio Ribeiro destaca que, naquela época, essas formas estavam presentes no falar do interior do Brasil entre os colonos portugueses do século XVI, decorrentes da permanência desses usos na linguagem do Minho e de Trás-os-Montes, províncias de Portugal. O autor também cita a Gramática de Pereira (1919), nela consta o seguinte registro: “este novo fonema românico (x = ch), soava na Idade Média tch, valor que ainda conserva no Minho em Portugal, e em certas regiões do interior de São Paulo, no Brasil, onde se pronuncia catchorro, catcha, tchapéo”.

Na descrição desse uso linguístico, Silva Neto (1970) argumentou que, para a interpretação histórica das africadas tchê e djê, torna-se indispensável estabelecer a área geográfica de sua ocorrência e a respectiva base humana. A área geográfica se estenderia pelo interior de São Paulo, Mato Grosso e a faixa costeira do Paraná, área utilizada e definida pelos bandeirantes; já a base humana dessas regiões era constituída de caipiras descendentes de mamelucos, mestiços de homem branco e mulher indígena.

Para Silva Neto (1970, p. 590), há duas explicações possíveis para o uso da africada [tʃ]:

1. Nos séculos XVI e XVII usava-se tʃ em todo o território de Portugal. Nesse caso os colonizadores usavam a africada que, depois de existir no Português brasileiro nele se perdeu, à exceção de uma zona do Sul;
2. Nos séculos XVI e XVII Portugal dividia-se, como hoje, em duas áreas: uma, ao norte, em que se usava tʃ; outra em que a africada já se reduzira a š. Neste caso ambas as pronúncias teriam vindo para o Brasil, onde se generalizaria a segunda, que corresponde à pronúncia do sul, enquanto a primeira se teria confinado a uma zona do Brasil. É a hipótese mais provável.

Sobre as peculiaridades do falar cacerense, Reis (2020, p. 20) argumenta que:

[...] a realização das consoantes africadas alveopalatais surda [tʃ] e sonora [dʒ], no lugar das consoantes fricativas alveopalatais surda [ʃ] e sonora [ʒ], em contextos como chão [ʃõw/tchõw~ʃõ/tchõ], janela [dʒan'elɐ/djan'elɐ], gelo [dʒelo/djelo/ɔ], diferentes das demais regiões brasileiras - Sudeste, Norte e Nordeste - onde os grafemas ‘ch’ (dígrafo) e ‘x’, por exemplo, nas palavras chão, xícara, janela e gelo que são pronunciadas [ʃãw], [ʃikara], [ʒan'elɐ] e [ʒelo/ɔ]. Ou como as ‘africadas baianas’ (Cf. Mota, 2002) que ocorrem nos decursos -it- e -id- do português padrão, em que, frequentemente, desaparece o segmento condicionador /i/, como nos vocábulos: “muito” > [ˈmuʃũ/ˈmutʃũ], “oito” > [ˈoʃũ/ˈotʃũ], “doido” [ˈdoʒũ/ˈdoɖjũ].

Destarte, estes traços linguísticos e outros, comprovados a partir de registros de fala, tornam-se objetos de interesse de um conjunto de pesquisas que vêm sendo realizadas, na UNEMAT, que tomam os traços da fala na realização escrita. Podemos citar os trabalhos de Cruz (2019), que em sua dissertação de mestrado *Variação Linguística e Identidade nas Redes Sociais: o Falar Cuiabano do Xômano Que Mora Logo Ali* demonstra o uso da variação linguística nas redes sociais; Mendes (2023), que em sua tese de doutorado *Usos linguísticos regionais em letras de músicas cuiabanas: um olhar pelo prisma da sociolinguística* demonstra o uso da variação linguística nas músicas regionais e em materiais de publicidade, como cardápios de restaurantes e nomes de estabelecimentos.

Essas pesquisas têm contribuído para resultados importantes, sobretudo, para a compreensão de como os usos linguísticos, sinalizados nesses textos e nesses espaços podem revelar a relevância do falar regional, demarcando aspectos políticos das escolhas linguísticas (pela tomada de posição de disseminar o uso do falar regional frente às realizações da norma padrão, que é, predominantemente, feito nesses espaços) dando, também, visibilidade às identidades locais.

Seguindo por este viés, este artigo procura compreender como os usos linguísticos, em questão, compõem a paisagem linguística/digital da cidade de Cáceres-MT. Sendo que, nesses espaços, a variação linguística é um fenômeno cada vez mais observado nas sinalizações de placas, nomes de estabelecimentos comerciais, entre outros, e que concorrem num espaço predominantemente ocupado pela norma padrão da língua portuguesa e línguas estrangeiras, como o inglês, que adentra a outros países pelos impactos da globalização, funcionando em locais que não o tomam como língua oficial.

Vale ressaltar que a paisagem linguística não é apenas um espaço de representação ou uma vitrine para a visibilidade de línguas, mas, segundo conceituação de Landry e Bourhis (1997), ela evidencia a relação de línguas no contexto sociolinguístico local, de modo que os diferentes usos, em diferentes línguas, demonstram os aspectos culturais, as transformações sociais, as diferentes línguas e as variedades em uso, na localidade, bem como evidencia as políticas linguísticas instauradas ali.

Aliada à perspectiva dos autores, pode-se considerar que “A paisagem, então, deve ser entendida como um conjunto de todos esses elementos, que subjazem e podem constituir um meio ambiente propício as variações linguísticas. (Soares; Lombardi; Salgado, 2016, p. 211).

Nesse caso, percebemos que a paisagem linguística é resultado de uma interação dos falantes com o meio em que participa, interação realizada entre falantes, que expõem as

identidades locais e os traços peculiares dos modos de falar e das línguas que estão em funcionamento em uma determinada localidade.

Sobre a nossa questão de aproximar a paisagem digital com o estudo da PL, observando a manifestação da linguagem na comunicação eletrônica, corroboramos com o argumento de Bagno (2002, p. 55), pois:

a comunicação eletrônica via internet vem tornando cada vez mais difícil a delimitação entre o que, tradicionalmente, só era admitido na língua falada e o que era cobrado na língua escrita: existe uma mescla cada vez maior entre os gêneros textuais, além da proliferação de novos gêneros (correio eletrônico, fórum de discussão eletrônica, bate-papo virtual etc.).

Além disso, a adesão das pessoas ao ambiente virtual tem proporcionado um movimento dos falares locais para esse ambiente. Vejamos que, por meio do *e-commerce*, dos aplicativos de serviços e de perfis em rede sociais, essas plataformas têm atuado como uma extensão da paisagem linguística, de modo a disseminar e ampliar o conhecimento sobre os usos linguísticos das cidades, para além de suas fronteiras.

Nesse caso, podemos considerar que os usos linguísticos, que se realizam na paisagem linguística da cidade, presentes também no ambiente digital, expressam as escolhas linguísticas dos habitantes dessa localidade, revelando as identidades locais, não apenas para o falante dessa variedade, mas para todos os indivíduos que fazem parte do espaço público/digital e que se relacionam com esse falar, ou seja, com o falar cacerense.

Sobre o conceito de identidade, o sociólogo britânico Stuart Hall (2006) o define a partir da concepção de sujeito pós-moderno, como uma identidade não fixa, mas construída e transformada constantemente, vivenciando a influência das formas como é representada ou interpretada pelos diferentes sistemas culturais de que faz parte. Nessa concepção, a identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

A respeito do modelo de variação e uso linguístico baseado em atos de identidade, Le Page e Tabouret-Keller (1985, citado por Bagno, 2017, p. 135) definem o uso das variedades individuais e o processo de formação da identidade:

A focalização descreve um processo em que as **variedades** individuais dos falantes se tornam cada vez mais parecidas entre si à medida que os indivíduos ajustam seus próprios padrões de fala, de modo a se assemelharem aos do grupo mais amplo. Esses ajustes linguísticos são motivados pelo desejo dos falantes de se identificar com o grupo maior (um processo de formação de **identidade** chamado **projeção**). Descrever uma **variedade** linguística como focalizada implica que ela é relativamente

homogênea, ou seja, os falantes se assemelham em seu **comportamento** linguístico. [Grifos do autor].

A partir do posicionamento desses autores, podemos compreender que a identidade é definida historicamente e não biologicamente. Nesse caso, o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas pela individualidade, ao redor de um "eu" coerente, mas que são contraditórias, empurradas em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.

Assim, a compreensão sobre a identidade é interessante para nossa realidade de nomear estabelecimentos comerciais e, ainda, do modo de utilizar os traços linguísticos peculiares de uma comunidade, para nomear o perfil, na rede social *Instagram* etc., pois conforme Hall (2006), frente à diversidade de significações e representações sobre o que é o homem na pós-modernidade, o falante se constitui com inúmeras identidades, mas sempre de modo temporário. Assim, o sujeito pós-moderno se define, pela mudança, na diferença, e na inconstância, e desse modo suas identidades permanecem sempre abertas.

Todavia, essa visão de imprevisibilidade resulta do deslocamento constante, ela tem características positivas, pois se, de um lado, desestabiliza identidades estáveis do passado, de outro, abre-se a possibilidade de desenvolvimento de novos sujeitos que transitam entre os antigos e novos usos linguísticos.

Nesse sentido, os recortes escolhidos para este trabalho suscitam do pesquisador o olhar para o mundo, para a sociedade e para a língua em uso. Sendo assim, este trabalho, cumpre o rigor teórico-metodológico da Sociolinguística, ao analisar a língua em funcionamento na sociedade.

2 Metodologia e *Corpus*

A constituição do *corpus*, deste artigo, foi adaptada do modelo teórico da Sociolinguística, desenvolvido pelo pesquisador norte-americano William Labov (2008), em que observaremos os traços linguísticos que se apresentam na paisagem linguística/digital da cidade de Cáceres-MT, a partir dos usos linguísticos expostos em: fachada comercial, panfleto e *card* de divulgação e perfil de *Instagram*.

Metodologicamente, os recortes selecionados foram organizados por apresentarem os mesmos traços em estudo, ou seja, a realização da consoante africada [tʃ] em vez da fricativa [ʃ] e a realização da consoante africada [tʃ] em vez da fricativa [ʃ] grafada xô.

Apresentamos o Quadro 1, com a descrição dos recortes.

Quadro 1: Seleção do *corpus* da pesquisa

Uso linguístico selecionado	Traço em estudo	Tipo de publicação
Casa do pescador Xô Nei	a realização da consoante africada [ʝ] em vez da fricativa [ʃ] grafada xô	Fachada comercial
Promoção de inauguração Tcha cô pão – Lanchonete e padaria	a realização da consoante africada [ʝ] em vez da fricativa [ʃ]	Panfleto de divulgação inauguração de padaria
Tchá cô Bolo	a realização da consoante africada [ʝ] em vez da fricativa [ʃ]	Fachada comercial de padaria
<i>Prantcheithebanda-</i> banda cacerense	a realização da consoante africada [ʝ] em vez da fricativa [ʃ]	Perfil do Instagram/Card de divulgação
<i>Tchama nós</i> - Aplicativo de mobilidade urbana	a realização da consoante africada [ʝ] em vez da fricativa [ʃ]	Panfleto/Perfil do Instagram
<i>Tchá Menina Criativa-</i> <i>Ateliê de costura criativa</i>	a realização da consoante africada [ʝ] em vez da fricativa [ʃ]	Instagram Nome de Ateliê de Costura

Fonte: Construção das autoras, Cáceres, 2023.

3 Análise dos dados

Iniciamos esta seção ressaltando a importância de apresentar as imagens das quais foram extraídos os usos linguísticos. As imagens demonstram a aceitabilidade da variedade linguística na linguagem comercial, tornando possível um diálogo com a sociedade local.

Vejamos as ocorrências.

Figura 1 - Casa do pescador Xô Nei



Fonte: Acervo das autoras, Cáceres, 2012.

A Figura 1, refere-se à Casa do Pescador Xô Nei localizada à Rua 15 de novembro, no centro da cidade, próxima a orla do Rio Paraguai, empresa que atua na comercialização de produtos de pesca e *camping*. A fachada da casa comercial é composta por elementos que caracterizam a sua identidade, apresentando a fotografia de uma paisagem, especificamente, o pôr do sol da cidade, de um lado, e uma imagem do Rio Paraguai, de outro e o nome Xô Nei, sobreposto às imagens.

Como observado na descrição do *corpus*, o uso linguístico tchô grafado como Xô com o valor de senhor/seu, ocorre no nome desse estabelecimento comercial. Nesse caso, o estabelecimento usa como nome fantasia a referência ao seu Nei/ senhor Nei, podendo ser referência ao sócio proprietário do estabelecimento⁵.

Sobre o uso do tchô para pronomes de tratamento, Macedo-Karim (2012, p.102) diz que:

As formas tchô e tchá para senhor e senhora são encontradas na localidade em estudo, e aparentemente não há registros desses itens em outras regiões do Brasil. Mas outras formas reduzidas de senhor/senhora são registradas. Amaral, por exemplo, atestou no dialeto caipira, o uso de várias formas para senhor/senhora: senhor, sinhôr, sinhô, sinhozinho, siôr, seu, seô, siô; senhora, sinhara, sinhá, sinhàrinha, sinhazinha, seá, sea, siá, sia. Das formas citadas pelo autor algumas ocorrem em Cáceres: senhor, sinhôr, sinhô, seu; sinhara e sinhá.

A partir da afirmação realizada, podemos dizer que a paisagem linguística de Cáceres, ao apresentar diferentes usos linguísticos, para os pronomes de tratamento senhor e senhora, insere esses usos no conjunto de escritas compartilhadas no espaço urbano, sobretudo o espaço ocupado pela publicidade e propaganda, que segue certa regularidade e normatividade. Esses usos levam ao público a diversidade e a variedade da língua falada na localidade e, por mais que esses traços sejam mais recorrentes na fala de pessoas mais antigas, a sociedade mais jovem terá acesso a essa variedade por meio da realização nesses ambientes.

Os usos linguísticos regionais demonstram, também, uma forma de registrar a identidade local, de fortalecer esses usos, para não caírem no esquecimento, frente às modificações linguísticas que se dão no tempo e no espaço.

A diversidade linguística na paisagem, também pode ser compreendida por alguns autores, como uma motivação para a argumentação na venda de produtos e serviços, no intuito de estabelecer uma proximidade com o público local e fazendo ser conhecido, ao público externo. Sobre isso, Gonzales (2003, p. 132) diz que, “Do ponto de vista da expressividade, a

⁵ Disponível em: <https://www.econodata.com.br/consulta-empresa/23044611000137-NAUTICA-XO-NEI-COMERCIO-E-SERVICOS-LTDA>. Acesso em: 05 abr. 2023.

variedade de padrões de linguagem é um bom instrumento para aumentar o poder de persuasão[...].”.

Outro aspecto que pode ser articulado a essa compreensão, é o fato de Cáceres ser uma cidade turística, com um importante movimento de pessoas, que visitam a região pelo fator da pesca no Rio Paraguai, pela participação no Festival Internacional de Pesca Esportiva, que ocorre há mais de 40 anos, sendo considerado pelo *Guinness Book -O livro dos Recordes* como “O maior torneio de pesca do mundo”, oportunidade em que são divulgadas a cultura, a gastronomia, as expressões artísticas, entre outros. Nesse contexto, o espaço urbano torna-se significativo, também, por adquirir um fator didático sobre essas representações.

Nos próximos registros, observaremos a apresentação da palavra chá, grafada como tchá, que aparecem em nomes de dois estabelecimentos comerciais, que coadunam do seguimento da panificação:

Figura 2 - Padaria Tcha cô pão



Fonte: Panfleto de divulgação

Figura 3 - Padaria e Confeitaria Tchá cô Bolo



Fonte: Acervo das autoras, Cáceres, 2022.

As Figuras 2 e 3 referem-se, respectivamente, a um panfleto de inauguração da padaria Tcha cô pão, e uma fachada comercial da padaria e confeitaria Tcha cô bolo. Percebemos, nessas figuras, a regularidade da utilização da palavra tcha para referir-se ao chá (bebida). Esta utilização não chama a atenção apenas pelo uso do traço [ʃ] em vez da fricativa [ʃ], mas também por trazer à memória a expressão Tchá cô bolo, muito utilizada na cidade de Cuiabá, capital de Mato Grosso, que designa o hábito de comer bolo e beber chá. Essa expressão faz parte do linguajar cuiabano e, também, frequente no falar cacerense.

Conforme Catravechi (2018, p. 362):

Constatou-se em Cuiabá uma prática alimentar muito comum, conhecida como o “Chá com Bolo Cuiabano” ou no linguajar local - “Tchá co bolo”, constituído por uma

espécie de café da manhã ou chá da tarde, em que se serve basicamente o bolo de arroz, bolo de queijo (frito ou assado), infusão de capim cidreira, chá mate e café. Entretanto, verificou-se que o prato que mais estava representando a baixada cuiabana era o bolo de arroz, que leva na sua receita o arroz, a mandioca, o açúcar, a manteiga, o coco ralado e a erva doce. Cascudo (1967) demonstra em sua pesquisa que o arroz e o milho substituíram o trigo das receitas portuguesas devido a sua escassez no Brasil. Desse modo, o bolo de arroz constituído essencialmente pelo arroz e a mandioca, demarca provavelmente a criação de uma comida que teve que se adequar aos ingredientes presentes e cultiváveis na região mato-grossense.

Nesse caso, a expressão torna-se pertinente para a sociedade e a sua relevância é demonstrada pela circulação desse dizer em outras realizações, como vimos na nomeação dos estabelecimentos, pelas paráfrases que vão sendo constituídas (Tchá co pão, Tchá com Torta etc.). No ambiente digital, encontramos, também, outras realizações em que a expressão se torna produtiva, mas, agora, para nomear programações de entretenimento como *Live Tchá com bolo*⁶ e *Programa Tchá co bolo*⁷, esses são exemplos de como a prática do tchá co bolo cuiabano torna-se expressiva para designar as atividades que, de algum modo, se relacionam com a memória dessa prática. Trata-se de uma expressão que marca a memória desse hábito como exclusivo da região, abrindo a possibilidade de novas identificações.

Nas próximas imagens, veremos a realização da consoante africada [tʃ] em vez da fricativa [ʃ], em nome de uma banda musical da cidade de Cáceres. Nessa ocorrência, há o compartilhamento do uso linguístico local com o uso linguístico da língua inglesa:

Figura 4 – Propaganda de show



⁶ Disponível em: [youtube.com/watch?v=UmQmIBqv-R8](https://www.youtube.com/watch?v=UmQmIBqv-R8). Acesso em: 16 ago. 2023.

⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/tchacobolooficial/>. Acesso em: 16 ago. 2023.

Fonte: Disponível em: <https://m.facebook.com/p/Projeto-Bugrestock-100067886092235/>
Acesso em: 09 mar. 2023.

Figura 5 – Perfil do Instagram



Fonte: Disponível em: <https://www.instagram.com/prantcheithebanda/>
Acesso em: 03 mar. 2023

As Figuras 4 e 5, referem-se ao nome do conjunto musical Pranchei, The banda, nome construído por um jogo de palavras que utiliza a expressão regional “prantchei de banda”, como referente para as gírias “sair fora” ou “cair fora” de alguma situação. A composição do nome da banda apresenta um jogo de palavras substituindo a preposição de pelo artigo definido em inglês *the*, o sentido do nome acaba por ser assegurado pela semelhança fonética entre esses dois elementos.

Interessante destacar que, nas figuras observadas, outros elementos participam da construção da identidade da banda. Na Figura 4, observamos o desenho do Marco do Jauru, que se trata de um monumento histórico, construído e erguido com o propósito de demarcar a fronteira territorial (entre Espanha e Portugal) estabelecida pelo Tratado de Madrid nos países da América. Originalmente, o marco foi fixado às margens do Rio Jauru e em 2 de fevereiro de 1883 e transferido para a praça Barão do Rio Branco, local em que se encontra até os dias atuais.

De acordo com Genuíno (2018), o monumento ganhou sentidos de monumental/monumentalidade, excedendo a função de ser apenas um marco territorial, pois a apropriação da sua imagem, que aparece veiculada em diferentes materiais, como no caso do panfleto que analisamos anteriormente, fez com que o olhar do cacerense reinterpretasse e ressignificasse a sua história. Desse modo, o Marco do Jauru passa a representar uma parte da história da cidade.

Já na figura 5, observamos que a identidade da banda ganha um reforço argumentativo pela legenda predicativa apresentada no perfil do *Instagram*, pois a banda se autodefine como “Uma banda originalmente cacerense”. Essa mistura de léxicos, de variedades linguísticas e de

componentes visuais, em convivência na apresentação da banda, também revela uma função indicativa do serviço prestado: banda de rock, que apresenta músicas nacionais e internacionais.

Assim, observamos que há um posicionamento de conservação do falar regional, a partir do nome da banda, aliado às práticas musicais, que trazem aspectos de interculturalidade para Cáceres.

Nas próximas imagens, veremos a realização da consoante africada [tʃ] em vez da fricativa [ʃ] em nome de aplicativo de mobilidade urbana Tchama Nóis.

Figura 6 - App de mobilidade urbana



Fonte: Panfleto de divulgação.

Figura 7 – Perfil do Instagram



Fonte: Disponível em <https://www.instagram.com/tchamanois/>
Acesso em: 05 mar. 2023.

Nas Figuras 6 e 7, temos um panfleto de divulgação e uma imagem do perfil de *Instagram* do aplicativo TCHAMA Nóis, nesses materiais, podemos observar que o nome do aplicativo faz parte da sintaxe do slogan da empresa: “Onde (exatamente assim) quer que você vá...TCHAMA nóis” e “Precisou? TCHAMA NOIS”. Nessas realizações, o uso da africada [tʃ] em vez da fricativa [ʃ] representa o modo de falar do verbo *chamar* que, nessa utilização, está

indicando a ação de contratar o serviço pelo aplicativo. Também se realiza uma diferença no uso da 1ª pessoa do plural como “nóis”, mas esta não é uma marca exclusiva do falar cacerense, pois também ocorre no falar de outras regiões do Brasil.

Observamos que a escolha da expressão tchama nós para nomear o aplicativo reflete, por meio de uma expressão imperativa, o tipo de serviço prestado pela empresa⁸. Sendo que, o uso linguístico, nesse caso, particulariza este aplicativo como uma empresa cacerense, que conserva e divulga o falar local, fazendo parte da identidade dos habitantes cacerenses.

Na última figura selecionada, a realização da consoante africada [tʃ] em vez da fricativa [ʃ] aparece no nome do Ateliê de Costura Criativa Tchá Menina Criativa, nessa ocorrência, ilustramos um exemplo do uso da africada [tʃ] na marcação de gênero feminino.

Figura 8 – Perfil do *Instagram* Tchá Menina Criativa



Fonte: Disponível em: <https://www.instagram.com/tchamenina/>. Acesso em: 24 jul. 2023

Articulando a Figura 8 com os dados da pesquisa de Macedo-Karim (2012), em que foram constatados o uso das formas Tchá e tchô para referir a senhora e senhor, observamos que essas formas também estão em uso com valor de pronome possessivo sua, como ocorre no nome do ateliê Tchá Menina.

Segundo a autora, esses usos foram constatados, sobretudo, no falar entre as pessoas mais velhas, nativos da cidade de Cáceres-MT. Eles podem ter resultado de senhor/senhora, conforme a seguinte evolução fonética: (a) senhora > sinhá > siá > tchã [si'a] > [tʃa]; (b) senhor > sinhô > siô > tchô [si'o] > [tʃo]. Este fenômeno linguístico do uso tchá/senhora e

⁸ “Este aplicativo foi desenhado para quem busca um serviço de transporte executivo presente no próprio bairro e que garanta que você e sua família serão atendidos por um motorista conhecido com segurança”. Disponível em: <https://m.apkpure.com/br/tchama-nois/br.com.tchamanois.passenger.drivermachine>. Acesso em: 05 mai. 2023.

tchô/senhor ocorre em outras cidades do interior do Estado de Mato Grosso, na região Sudoeste. Essa região sofreu a miscigenação entre povos indígenas e bandeirantes da Capitania de São Paulo e bandeirantes portugueses, resultando na rica diversidade linguística.

Como podemos observar, o uso dessas formas como pronome de tratamento ou possessivo não restringem a uma faixa etária. Essa consideração pode ser reafirmada por outros usos encontrados na região de Cuiabá, como na expressão tchás criança⁹.

Considerações finais

Após as análises empreendidas, podemos considerar que existe uma relação entre o ato de nomear os estabelecimentos e bandas locais com o uso da realização da consoante africada [tʃ] em vez da fricativa [ʃ] e a realização da consoante africada [tʃ] em vez da fricativa [ʃ] grafada xô, e a identidade linguística local. A concepção do sujeito pós-moderno nos foi cara para compreender como, por meio desses usos, abre-se a possibilidade do desenvolvimento de novos sujeitos que transitam entre os antigos e os novos usos linguísticos, sobretudo, por observarmos o espaço digital que acaba sendo um importante meio de divulgação da variedade da língua e cultura local, pelo seu extenso alcance.

Outro aspecto importante, foi observado ao articular o estudo da variação linguística ao conceito de Paisagem Linguística, pois este nos possibilitou olhar para linguagem escrita, manifestada nos ambientes físico/virtual, para além de simples letreiros ou identificações de ambientes, é preciso destacar que os usos linguísticos sempre revelam a identidade linguística e cultural de uma população, as experiências de contato linguístico-cultural, as práticas sociais, os valores e as ideologias dos indivíduos.

Por fim, queremos ressaltar que este trabalho apresenta apenas um recorte específico de análise, mas seguiremos observando a cidade e o ambiente digital em busca de novos dados para que possamos dar visibilidade a esse importante fenômeno dos usos linguísticos orais que emergem para as representações escritas, de modo que nossas reflexões contribuam com o aprimoramento desta pesquisa e o desenvolvimento de pesquisas futuras.

Referência

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira: gramática, vocabulário*. 4. ed. São Paulo: Hucitec. Brasília: INL, 1982.

⁹ Disponível em: <https://m.facebook.com/p/Escola-de-Musicaliza%C3%A7%C3%A3o-Infantil-Tch%C3%A1s-Criana%C3%A7a-100068293323387/>. Acesso em: 16 ago. 2023.

- BAGNO, Marcos. *Língua materna: letramento, variação e ensino*. São Paulo: Parábola, 2002
- BAGNO, Marcos. *Dicionário Crítico de Sociolinguística*. São Paulo: Parábola, 2017.
- CATRAVECHI, Luciene Aparecida. A hospitalidade cuiabana a partir do estudo de caso no estabelecimento comercial - “Chá com Bolo Cuiabano da Tia Fran”, Cuiabá (Mato Grosso/MT, Brasil). *Turismo & Sociedade*, Curitiba, v. 11, n. 3, p. 358-382, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/tes.v11i3.60059>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/turismo/article/view/60059>. Acesso em: 15 jun. 2024.
- CRUZ, Rayani Andressa. *Variação Linguística e Identidade nas Redes Sociais: o Falar Cuiabano do Xômano Que Mora Logo Ali*. 2019. 182f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, 2019.
- CUNHA, Celso. *Gramática do Português Contemporâneo*. 6.ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.
- DUBOIS, Jean et. al. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 1998.
- GENUINO, Daniel. *Marco do Jauru: Arquivo, Monumento e Memória*. Cáceres. Edições do autor, 2018.
- GONZALES, Lucilene. *Linguagem publicitária: análise e produção*. São Paulo: Arte e Ciência, 2003.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.
- LANDRY, Rodrigue; BOURHIS, Richard Y. Linguistic Landscape and Ethnolinguistic Vitality: An Empirical Study. *Journal of Language and Social Psychology*, Montréal/Québec, v.16. n.1, p. 23-50, 1997.
- MACEDO-KARIM, Jocineide. *A comunidade São Lourenço em Cáceres-MT: aspectos linguísticos e culturais*. 2012. 83f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.
- MENDES, Simone Carvalho. *Usos linguísticos regionais em letras de músicas cuiabanas: um olhar pelo prisma da sociolinguística*. 2023. 170f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, 2023.
- REIS, Mirami Gonçalves Sá dos. *Aspectos sociolinguísticos da variedade cacerense*. 2020. 136f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, 2020.
- SILVA NETO, Serafim da. *Língua, cultura e civilização: estudos de filologia portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1960.
- SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro. 2. ed. Livros de Portugal, 1970.
- SOARES, Mariana Schuchter; LOMBARDI, Raquel Santos; SALGADO, Ana Cláudia Peters. Paisagem linguística e repertórios em tempos de diversidade: uma situação em perspectiva. *Calidoscópico*, São Leopoldo, v.14, n.2, p. 209-218, 2016. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2016.142.03>. Acesso em: 15 jun. 2024.



*Recebido em 25 de setembro de 2023
Aceito em 09 de março de 2024*